

LIÇÕES DE RESISTÊNCIA E ESPERANÇA

AS CIDADES PIONEIRAS

UTOPIA DA CAPITAL MODERNISTA ATRAIU MILHARES DE PESSOAS QUE SE ESTABELECEM COM MUITA FÉ E TENACIDADE

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Margarida Vieira de Barros, 66 anos, moradora da Metropolitana: alegria de viver e carinho pela vila

HENRIQUE BOLGUE
ESPECIAL PARA O CORREIO

Quando o marido de Maria Cecília de Lima, 74 anos, decidiu vir para Brasília, ela não gostou nem um pouco da ideia. O receio, segundo a recifense que residia em São Paulo, era o de ser atingida por flechas de habitantes nada amistosos. “Falavam que aqui só morava índio e tinha muito mato”, relembra. Quando chegou à cidade, em 1960, com 25 anos, carregando um filho de três, não levou flechada, mas se irritou com a poeira que deixava as fraldas brancas do menino com a cor da terra. Mesmo assim, fincou o pé na cidade e diz que só sai de sua antiga casa de madeira, na Vila Metropolitana — parte do Núcleo Bandeirante —, onde mora há 40 anos, para o Campo da Esperança.

A empreitada da construção de Brasília, capitaneada por Juscelino Kubitschek, trouxe para o Planalto Central milhares de pessoas, como dona Cecília — que transformaram o cerrado virgem e poeirento em um lar. Antes que qualquer avenida do Plano Piloto fosse aberta, as ruas da Cidade Livre — hoje Núcleo Bandeirante — e da Candangolândia transbordavam vida e começaram a assumir suas tendências específicas. Nas três ruas da Cidade Livre, por exemplo, só se distribuíam alvarás para estabelecimentos comerciais, que tinham isenção de impostos — daí o nome do local. A Metropolitana abrigava os engenheiros e trabalhadores da companhia que asfaltou a pista do aeroporto.

No caso da Candangolândia, a cidade desempenhava funções administrativas — como o pagamento dos trabalhadores — e concentrava as residências. As duas formavam um triângulo com o ex-Hospital Juscelino Kubitschek de Oliveira, onde hoje funciona o Museu Vivo da Memória Candanga.

O pioneiro José Joaquim da Silva, 67, conheceu bem as diferenças entre essas regiões. A exemplo de Cecília, ele veio de

São Paulo, onde ficou por dois meses, depois de sair do interior da Bahia. Mas, diferente dela, a vontade do jovem de 16 anos era mesmo a de vir para a cidade, no meio no cerrado, sobre a qual amigos espalhavam notícias que o animavam, dizendo que aqui se encontravam ótimas oportunidades e bons salários. E as fofocas confirmaram-se. “Nunca tinha visto tanto dinheiro como quando ganhei meu primeiro pagamento”, conta José, que desembarcou na Cidade Livre e achou trabalho na construção da W3 Sul, em 1958.

LUTA PELA TERRA

As cidades pioneiras não chegavam nem perto de ter a organização e a limpeza do Plano Piloto, traçado por Lucio Costa. O chão era de terra batida. A água jorrava de bicas. As ruas e as casas viviam cobertas de poeira. Segundo o historiador da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico, Luciano Antunes, as cidades foram criadas para ser desinstaladas e muitas pessoas foram removidas. Mesmo assim, como se pode notar, ao circular pelas cidades pioneiras, muitos conseguiram continuar em seus primeiros terrenos, suas primeiras casas.

José da Silva foi um daqueles que protestaram para ficar no lugar que escolheu para morar. A região onde vive hoje, a Rua dos Engenheiros da Candangolândia, ficava fora até mesmo da área cercada da cidade. Mas os moradores — segundo ele, cerca de 27 famílias no conjunto — fizeram várias reuniões com as autoridades e conseguiram o que queriam mantendo as casas da Metropolitana de pé.

“Não foi muito difícil ficar aqui”, admite a piauiense Margarida Vieira de Barros, 66 anos. Mas quando ela chegou na casa de madeira, na Rua 1 da Metropolitana, onde vive há 38 anos, passou também pela ameaça de remoção, mas conseguiu manter a casa, que fica em local privilegiado, de frente para a praça da igreja Nossa Senhora Aparecida. O lugar só fica movimentado no fim da tarde, quando os estudantes, vindos do também cinquentenário Centro de Ensino da Metropolitana, tomam os bancos das praças e os trabalhadores trazem as mesas de bar para tomar a sagrada cerveja no meio da calçada.

O barulho e movimento só fazem a alegre Margarida gostar ainda mais do seu cantinho. Quando se pergunta a ela se voltaria a morar em Elesbão Veloso (PI) — de onde saiu aos 18 anos, com a irmã — ou se venderia o terreno, onde vive com filhos, netos, bichos e plantas, ela é enfática: “Nunca. Brasília foi tudo na minha vida”.

ENQUANTO ELES CHIAM, BRASÍLIA CRESCE, OS CAMINHOS SE ABREM, NOVOS NÚCLEOS POPULACIONAIS SÃO FIXADOS, ARTICULANDO UM SISTEMA DE AUTODETERMINAÇÃO, MATERIALIZANDO NOSSO DIREITO SOBRE AQUELES TERRITÓRIOS”

PAULO MENDES CAMPOS

Candangolândia

▶ A cidade que tem hoje 14 mil habitantes também já foi conhecida como Sacolândia e Lonalândia, devido às casas feitas de sacos e lonas que apareceram no começo de sua construção. Lá JK instalou a Novacap, a primeira igreja e a primeira escola do DF.

Vila Planalto

▶ A Vila Planalto é o reduto original dos primeiros trabalhadores das empresas construtoras, como a Pacheco Fernandes, a Rabelo e a Tamboril, que hoje dão nome a lugares da Vila.

Paranoá

▶ Em 1957 apareceram os primeiros trabalhadores que vieram para construir a Barragem do Lago Paranoá e depois para concluir as obras da usina hidrelétrica. O vilarejo foi consolidado em 1980.

São Sebastião

▶ A área já era ocupada por várias fazendas, quando, em 1957, diversas olarias se instalaram para suprir as necessidades de materiais de construção para erguer a capital. Em 1993, tornou-se Região Administrativa